



Conferência Nacional da UPG:

Avançar para a soberania

Os órgãos de direção da União do Povo Galego decidiram convocar a sua militância a uma Conferência Nacional do Partido que decorreu o 19 de Janeiro de 2013. Este instrumento político recolhido nos Estatutos busca dar um debate profundo no seio do Partido, delimitado no que diz respeito à temática, que leve a umas conclusões claras para aplicar de imediato.

Depois do abandono da frente patriótica (BNG) -de que a UPG faz parte desde a fundação em 1982- dum sector minoritário de militantes e trás as eleições de âmbito galego nas que o BNG teve um retrocesso eleitoral, ambas questões acontecidas no ano 2012, o BNG iniciou um profundo processo de análise a finais desse ano. Uma vez enfrentado por parte da sua militância, a UPG também quis fazer a sua própria valoração assim como oferecer as alternativas às que chegara sobre para onde deve caminhar o movimento nacionalista galego.

Do debate, enfrentado primeiro na escala das comarcas e depois na nacional, ficou bem definido que o Partido não devia cair em atitudes resistencialistas, negando os erros políticos e as responsabilidades próprias. Mas também não podíamos esquecer os acertos que o BNG teve nos últimos anos de atividade, com capacidade de regeneração, ainda com a existência dum constante boicote interno no período 2009-2012 por parte do sector que abandonou o BNG trás serem derrotadas as suas posições na Assembleia Nacional de começos de 2012.

Os esforços despregados pelo BNG neste período de aberta crise do capitalismo para enfrentar as políticas económicas e sociais do PSOE (até o 2011 no Estado) e do PP (na Galiza desde 2009 e no Estado desde finais de 2011) não foram suficientes para ser vistos como força referencial da indignação, ainda que sim restauraram parcialmente o nosso perfil mas sem que -eleitoralmente- se traduzisse em votos nas eleições galegas de outubro de 2012.

Assim, a Conferência Nacional concluiu 5 grandes linhas:

- Acreditarmos em que o BNG é a melhor expressão atual da unidade na pluralidade do nacionalismo galego, agora bem, corrigindo as deficiências e vícios

que foram aparecendo nos últimos tempos.

- A frente patriótica tem que colocar num espaço central a luta pela soberania. Trata-se de dar início a um processo amplo que coloque no debate político diário as razões pelas que a Galiza precisa de soberania, e que contribua para o crescimento da consciência nacional.
- Situar como essencial o princípio de auto-organização do povo galego. Apostando em organizações políticas, sindicais, sociais, etc. que tenham o seu centro de decisão na própria Galiza.
- Nos próximos anos será central atender todos os âmbitos de trabalho, mas é essencial estar presente nos conflitos sociais. Também convém corrigir a atitude nas instituições transferindo para aí a rebeldia que já nos caracteriza no trabalho social.
- A Conferência também destacou que o conjunto da militância da UPG tem que esforçar-se para estar presente em todo tipo de mobilizações sociais sempre que não forem contraditórias com os objetivos da UPG, percebendo que é o nosso dever participar nelas e expressar ali os nossos pontos de vista, procurando ser referentes em base às propostas formuladas e à capacidade de trabalho.

A Conferência Nacional da UPG também marcou linhas de trabalho claras no que diz respeito ao combate ideológico e cultural. Aprofundando na ideia de que o nacionalismo galego no seu conjunto deve trabalhar mais e melhor todo o relacionado com o conhecimento da realidade cultural, social, histórica, económica e política da Galiza. Também foi objeto de preocupação a necessidade de relançar o movimento juvenil galego, combatendo o interessado desprestígio da política para neutralizar as opções alternativas e assim alcançar o conformismo da sociedade. Para tal fim é preciso as organizações juvenis realizarem um trabalho mais de base e, particularmente, nos centros de ensino secundário.

Por último, na linha dos passos dados nos últimos anos, demandou-se um maior trabalho na área de política internacional, especialmente no contexto atual dos processos de soberania nas diferentes nações.

Entrevista a Néstor Rego, Secretário-Geral da União do Povo Galego

“A soberania torna-se a

Há ano e meio que assumes a Secretaria-Geral, como avalia o trabalho do partido neste curto mas intenso período?

Acho que foi um trabalho fundamental para consolidar as posições de combate às políticas anti-sociais e anti-galegas do governo espanhol e para promover mobilizações populares que foram maciças na Galiza nestes meses. Também para o esclarecimento ideológico e político em relação ao rumo a manter pelas forças patrióticas e ainda para promover a máxima unidade nacional e popular em torno à reivindicação da soberania da Galiza como única alternativa real para podermos superar esta situação e enfrentarmos o processo de construção de uma sociedade diferente, justa, igualitária e livre, assente sobre novas bases; quer dizer, uma sociedade socialista.

A frente patriótica galega, o BNG (Bloco Nacionalista Galego) em que a UPG se integra, conheceu um período de convulsão ano e meio atrás. Este processo teve algumas causas ideológicas, quais foram?

A nossa actuação como partido sempre teve como prioridade a unidade das forças patrióticas de esquerda como melhor maneira de garantirmos a defesa dos interesses das classes populares galegas e da Galiza como nação. Essa unidade concretizou-se durante os últimos 30 anos no BNG, a

frente patriótica que sempre se caracterizou por posições de combate às políticas do sistema e pela defesa da autodeterminação da Galiza. A XIII Assembleia Nacional, de Janeiro de 2012, supôs um debate aberto sobre a orientação a seguir, confrontado as tendências quer ao acomodamento -que visavam deixar de lado a mobilização social para privilegiar a atuação nas instituições- quer à renúncia da reivindicação da soberania e da prática da auto-organização face à necessidade de recuperarmos o impulso às mobilizações sociais e ao combate às políticas da Troika e do governo espanhol, a caminho da independência nacional da Galiza. O triunfo das posições defendidas pelo nosso partido e outros setores da frente supôs a saída dos grupos discordantes. Mas o BNG recuperou pulso combativo e capacidade de intervenção social. A XIV Assembleia, que decorreu em Março de 2014, ratificou esta linha, e o Bloco é hoje uma organização referencial na mobilização e que ganha, dia a dia, apoio popular. A frente patriótica e o partido colocam a questão da soberania como elemento fundamental para a saída da crise.

Que pensa a UPG, como partido comunista, das posições que defendem a prioridade da questão social e frente à nacional?

Na realidade não existe nenhuma dissociação entre questão nacional e social, entre libertação nacional e social, precisamente porque uma é condição indispensável para que a outra seja possível. A Galiza é uma nação dependente não



única saída real à crise”

apenas politicamente mas também economicamente, de modo que será impossível construir uma sociedade diferente se previamente não rompermos a dependência, se o nosso país não assumir a capacidade plena para decidir sobre o seu futuro. No atual contexto de crise isto torna-se a cada dia mais evidente. A UE e o governo espanhol adoptam decisões que travam o nosso desenvolvimento económico: impedem que os nossos estaleiros possam construir barcos, limitam a capacidade de trabalho da nossa frota pesqueira, destruíram o nosso pujante setor agro-ganadeiro e particularmente o focado à produção de leite, transformaram em banco as caixas de poupança e pretendem agora vendê-lo a preço de saldo à grande banca espanhola, o que na prática supõe a desapareição do nosso sistema financeiro... É, portanto, a ausência de soberania o que está a provocar que as políticas gerais de saque ao povo resultem ainda agravadas na Galiza pela situação de dependência, pelo facto de serem outros os que decidem por nós. Os grandes prejudicados por esta situação são os trabalhadores e trabalhadoras, as camadas populares galegas. De modo que a soberania se torna a única saída real.

A nossa capacidade de mobilização política, sindical e social não diminuiu neste período, mas o resultado eleitoral não acompanhou nas últimas eleições ao Parlamento da Galiza, a que se deve essa contradição?

Com efeito, o nacionalismo político e sindical, o conjunto das forças patrióticas foi -historicamente e de modo especial nos últimos anos- a vanguarda das mobilizações populares contras as políticas anti-sociais e de saque ao povo ditadas pela Troika e aplicadas de forma submissa pelo Governo de Espanha. A capacidade mobilizadora do nacionalismo galego ficou patente na Greve Geral de 14 de Novembro de 2012, com manifestações maciças que supuseram o mais alto grau de participação nos protestos de todo o Estado Espanhol. No entanto, as últimas eleições galegas deitaram um resultado que supôs uma certa queda do apoio eleitoral ao BNG. Para entendermos isto é preciso tomar em conta a aparição de novas formações, formalmente no campo do nacionalismo e da esquerda, que, para além do mais, beneficiaram do apoio indiscutível dos meios de comunicação do sistema, precisamente para travar o avanço das posições patrióticas de esquerda que representa o BNG. Contudo, a nossa determinação de combate ao lado do povo está a fazer com que o Bloco Nacionalista Galego esteja a crescer em organização e a alargar de forma visível a influência na sociedade galega.

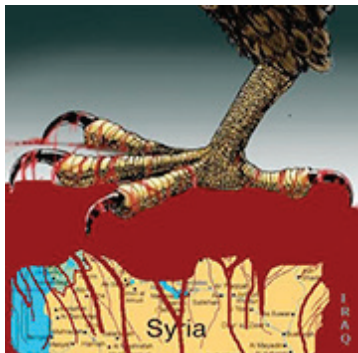


Que análise faz a UPG da situação internacional no momento e quais são as suas linhas de actuação neste âmbito?

O desenho imperialista do mundo continua plenamente vigente. Mais também cresce a contestação às potências imperialistas, desmascarando as suas estratégias e, sobretudo, consolidando as posições alternativas. Nesse sentido é enormemente esperançador o que está a acontecer na América Latina, com os povos decididos a tomarem o futuro nas próprias mãos e a se libertarem da tutela imperialista. Mas também na Europa, em que as nações sem estado avançam com decisão para a soberania. Nesta linha, a actuação da UPG, como a do BNG, está focada a explicar a situação da Galiza e a procurar que as forças da esquerda internacional percebam que a causa da soberania da Galiza é a causa de todas as mulheres e homens que lutam contra a opressão e a injustiça, é a causa liberdade dos povos face à globalização imperialista, é uma causa justa que é preciso apoiar se quisermos caminhar juntos para um mundo novo.

Não à agressão imperialista na Síria!

A denominada “globalização” não é mais que a cara oculta do imperialismo moderno. Não é de estranhar, pois, que as forças imperialistas estão a intensificar os seus ataques, sobretudo neste período de crise do sistema capitalista, à procura, sobretudo, de



dominar o acesso aos cada vez mais escassos recursos de petróleo e gás.

Como noutras ocasiões anteriores, a propósito da invasão de Líbia ou Iraque que levaram às situações catastróficas actuais, o nacionalismo galego denunciou esta nova agressão imperialista disfarçada de intervenção “humanitária”.

Em coerência com os seus princípios reitores de antiimperialismo e solidariedade internacional, a UPG assinou um comunicado junto com outros 75 partidos comunistas e operários de todo o mundo, expressando

a nossa solidariedade com o povo sírio e condenando o ataque militar contra Síria perpetrado pelos imperialistas dos EUA, a NATO e a UE, junto com os seus aliados, para a promoção dos seus interesses na região.

Desde a sua fundação, o BNG (a frente patriótica na que está integrada a UPG como membro fundador), acredita na solidariedade internacionalista como corolário do nacionalismo, ao partirem do respeito mútuo do direito dos povos a decidirem livremente por si mesmos, antítese do imperialismo.

Assim, no Parlamento Espanhol, a deputada do BNG, Rosana Pérez, reiterou a rejeição do BNG à intervenção militar, lembrando os precedentes do Iraque e Afeganistão, e exigiu o comparecimento do ministro de Assuntos Exteriores, insistindo que qualquer decisão que adopte o Governo Espanhol seja votada no Congresso. O BNG também emitiu uma declaração pública denunciando a ameaça de intervenção militar na Síria, apostando pela via pacífica e democrática para a resolução dos conflitos sempre no marco do respeito da soberania dos povos. E como integrantes da Plataforma Galiza Contra a Guerra, tanto o BNG como a sua organização juvenil, Galiza Nova, somaram às concentrações em todo o país em contra desta nova agressão imperialista baixo o lema “Imperialismo fora da Síria! Pela paz e a soberania dos povos”.

XV Congresso da UMG

Somando energias para uma Galiza soberana

A União da Mocidade Galega, organização juvenil do nosso partido e escola de militantes comunistas, celebrou o seu XV Congresso o dia nove do mês de julho deste ano, um congresso no marco do atual momento político de crise do sistema capitalista e de desprestígio em amplos sectores da mocidade das organizações políticas.

Nas teses aprovadas a UMG busca dar uma resposta dialéctica à troika, marcando as linhas de atuação para os próximos dois anos, nos que consideram necessária uma resposta contundente às políticas restritivas e destruidoras da classe trabalhadora galega e das perspectivas de futuro da nossa mocidade no próprio país. Para articular essa resposta consideram preciso o reforço das organizações unitárias nas que trabalham, tanto no âmbito juvenil como no estudantil. Consideram prioritária a atuação no ensino, pois é a garantia duma continuidade política, da formação



militante e a incorporação às dinâmicas revolucionárias deste sector da mocidade. Ao mesmo tempo também avaliam a necessidade de fortalecer a frente patriótica Bloco Nacionalista Galego da que o nosso partido é membro fundador, percebendo que fortalecendo Galiza Nova, organização que integra à mocidade comprometida do BNG, é a melhor garantia de continuidade na defesa dos interesses das classes populares e da Galiza como nação.

Ademais neste XV Congresso elegeu-se um novo Comité Nacional e ao camarada Xacobe García Souto como Secretário Geral, produzindo-se uma importante renovação no órgão de direção e a deslocação dum número importante de quadros formados na organização juvenil ao Partido, onde já estão integrados em diferentes âmbitos de trabalho.

